



A INTRODUÇÃO DO CULTO À GRANDE MÃE EM ROMA

Marina Pereira Outeiro¹

Resumo

Este estudo pretende analisar a introdução e dinâmica do culto à Grande Mãe em Roma, procurando identificar sua posição no cenário religioso da *Urbs*, considerando a grande influência exercida pela religião na vida do cidadão e no funcionamento do Estado. Primeiramente, aborda-se o universo religioso e sua acentuada expressão na vida dos romanos, e a crise no período de 218-201, em decorrência da Segunda Guerra Púnica, com base em leitura e fichamento de literatura pertinente. Em seguida, faz-se uma análise sobre os impactos dos respectivos processos na vida e mentalidade do cidadão romano e no Estado, levando-se em conta a expressão alcançada por uma divindade feminina, a Grande Mãe, conquistou seu espaço em Roma – uma sociedade com caracteristicamente patriarcal.

Palavras-chave: Religião - Roma- Grande Mãe

Introdução

A Religião configurou-se como um dos sustentáculos basilares do vasto Império Romano durante seus doze séculos de duração, obtendo acentuada expressão na vida dos romanos, tanto na esfera privada quanto pública representando a estabilidade do lar e do Estado - cujo êxito dependia da prática de cerimônias religiosas, presentes adequadas. Cícero afirmava que os romanos venciam o universo através da religião.

O culto à Grande Mãe, célebre na Frígia, foi introduzindo em Roma durante a Segunda Guerra Púnica, que, mais do que qualquer outra, foi crítica para a sobrevivência da cidade, durante a qual a religião mostrou-se como um decisivo elemento de coesão na estrutura social da *Urbs*.²

A eficácia da religiosidade nacional foi questionada em decorrência do conflito com os cartagineses (218-201) e à exitosa campanha militar do general Aníbal Barca – e a proximidade com que este esteve de invadir a cidade. O desespero infligido pela guerra interminável levou o Senado a adotar, entre outras medidas, atos religiosos para conciliar o favor divino. Contudo pairava sobre o cidadão romano a impressão de que as somente as divindades da pátria eram impotentes para socorrer e conceder a vitória. Seguindo uma sugestão oracular, introduziu-se a primeira divindade asiática, Cibele, a Grande Mãe no panteão religioso romano.

¹ Graduanda do VII semestre do Curso de História-Licenciatura Plena da Faculdade Porto Alegre – FAPA, sob a orientação da professora Marise Hoff Failace pela mesma faculdade. E-mail: marina_outeiro@hotmail.com.

² Referente ao componente material da cidade ou a parte propriamente física.

Concomitantemente naquele período, Roma encontrava-se especialmente atraída pelas divindades asiáticas, cuja ritualística era oposta à frieza ritual de cerimônias celebradas em nome do Estado, realizadas por sacerdotes e sacerdotisa - cidadãos oriundos das famílias mais prestigiadas de Roma

Entre as muitas divindades exóticas, introduzidas em Roma a partir do século II a.C, o culto à Grande Mãe, foi visivelmente marcante, a despeito do receio com que parte dos romanos visse a nova divindade. Devido ao fato de ser um culto evidentemente orgástico, com sacerdotes autocastrados, música e danças desenfreadas, contrastando acentuadamente com a austeridade romana e sua religião centrada na figura masculina e paterna, o estranhamento era inevitável.

Mas acima de etiquetas e nacionalidades, havia nos romanos o crescente desejo de proteção presente em indivíduos repletos de transbordantes efusões sentimentais, que percebiam de maneira mais clara as semelhanças do que as diferenças.

Destaca-se que país algum jamais atravessou uma grande guerra com sua estrutura inalterada - assim, em princípio o culto à Cibele foi compreendido como um penhor (pela estabilidade da República) com a própria deusa, sendo instituída uma série de comemorações tais como, datas festivas, combates simulados, procissões - nas quais, sua imagem desfilava pelas ruas, em sua biga arrastada por leões.

Neste trabalho, busca-se demonstrar como uma divindade feminina, a Grande Mãe, conquistou seu espaço em Roma, as circunstâncias que propiciaram a introdução ao culto à Grande Mãe em Roma, a compreensão dos elementos que deram visibilidade ao culto e identificação dos componentes da prática ritualística propriamente dita.

Esse estudo justifica-se pela sua originalidade e relevância no sentido de investigar como uma divindade feminina encontrou espaço na austera e pragmática religiosidade romana através do culto à Grande Mãe. A maioria dos estudos realizados até hoje trata da relação de aceitação ou não que o culto estabeleceu no interior da sociedade romana, bem como de sua origem nativa ou não. Entretanto, inexistem os mesmos com enfoque no reconhecimento obtido por esse culto específico.

Pretende-se, pois, analisar a introdução e dinâmica do culto à Grande Mãe em Roma, procurando identificar sua posição em seu cenário religioso, considerando a grande influência exercida pelo pensamento religioso na vida do cidadão e no funcionamento do Estado.

1. A Religião Romana

A relação de Roma com a religião se estabelece logo em sua mais remota origem: o mito da fundação da cidade de Roma, bem como os eventos fantásticos ocorridos, que precederam sua gênese mostra uma idéia de ascendência divina, presentes nos mitos de

Enéias e Rômulo, sintetizando o amálgama entre populações nativas e invasores indo-europeus. Ao discorrer sobre o tema, Eliade (1978:123) sustenta

O mito da fundação de Roma e as lendas dos primeiros reis são particularmente importantes para a compreensão da religião romana, mas essa suma mitológica reflete também certas realidades etnográficas e sociais. Os acontecimentos fabulosos que presidiram ao nascimento de Roma aludem: 1) a reunião de fugitivos de diferentes origens e 2) à fusão de dois grupos étnicos bem distintos; ora, etnia latina de onde proveio o povo romano é o resultado de uma miscigenação entre populações neolíticas autóctones e invasores indo-europeus que desceram das regiões transalpinas.

O autor ressalta que estes dois fatores são determinantes para o entendimento da dinâmica religiosa romana uma vez que os habitantes de Roma procuravam compatibilizar o mito de Enéias³ com o de Rômulo, argüindo que o primeiro estabeleceu a cidade de Lavínio e que seu filho Ascânio, fundou uma segunda cidade, Alba, local de nascimento de Rômulo e Remo, filhos de Réia Sílvia e Marte, tecendo assim a nobre e divina linhagem que fundou a cidade. A aparente mixórdia de etnias resultou na apurada capacidade assimilativa e integradora presentes até os últimos dias do Império, tal como afirma Eliade (1978:131).

A religiosidade romana reflete em grande medida, seu espírito prático, e o interesse pelas realidades imediatas, expressos em sua constante perseguição a eficiência e, principalmente, por imbuir de valor sacro, as coletividades orgânicas, como a família, gens e pátria. A mediocre imaginação mitológica dos romanos e a sua indiferença para com a metafísica são compensadas, como acabamos de ver, pelo particular e pelo imediato. O gênio religioso romano distinguiu-se pelo pragmatismo, pela busca de eficácia [...].

A religião do Estado, de caráter público, cuja origem era atribuída ao Rei Numa, apresentava um conjunto de práticas sacrificais e honrarias, a serem empregadas em face de anomalias, acidentes ou desastres, pois acreditava-se que tais augúrios denunciavam uma crise nas relações entre homens e deuses, e que estes representavam o descontentamento ou cólera divina.

Através destas manifestações insólitas, era estabelecido o diálogo entre os homens e deuses, reiterando a importância atribuída ao concreto e ao imediato: importa saber que ritual será mais eficaz, uma vez que o bem estar da cidade dependia da realização correta dos deveres religiosos para com os deuses, tornava-se primoroso certificar-se do consentimento divino para a execução de qualquer ato público do Estado.

Para os romanos, tais prodígios só podiam tornar-se evidentes, mediante a significação realizada por profissionais do culto (inicialmente os arúspices etruscos e mais tarde, os *Livros Sibílicos*⁴). Segundo Balsdon (1968: 184-185).

Visto que os atos públicos do Estado dependiam da aprovação dos deuses

³ Príncipe troiano filho do rei Anquises e a deusa Afrodite.

⁴ São uma compilação de declarações do oráculo da Sibila de Cumas.

tornava-se necessário certificar-se do seu consentimento, antes que uma assembléia do povo (os Comitia) iniciasse suas atividades, bem como no campo de batalha, antes de empenhar-se em luta contra o inimigo. [...] Uma forma de adivinhação veio dos etruscos – adivinhação pelo vôo dos pássaros e pelo exame das entranhas de animais sacrificados. Os técnicos nisso eram os arúspices, homens que a Etrúria continuava a treinar [...] Sua expansão para o trouxe dos gregos da Campânia a arte da adivinhação, através de livros sagrados.

A relação com os deuses e dos cidadãos romanos era regidas pela legislação da cidade, e tais regramentos, tratavam-se de uma codificação das várias práticas religiosas que combinavam-se para constituir a cidade de Roma. Os romanos suplicavam aos deuses não para honrá-los, mas para conciliá-los. Sobre o tema, Giordani (1968:296-297).

No culto que os romanos prestavam a suas divindades observamos o já tantas vezes sublinhado espírito prático que norteou a civilização de Roma. O romano quer na intimidade do lar como nas solenidades públicas, tratava seus deuses como se com eles tivesse estabelecido um contrato. À divindade agradavam determinados ritos cumpridos escrupulosamente e rigorosamente (nada de mais, nada de menos), aos homens faltava o auxílio, a proteção, o socorro. Cumpridas as formalidades rituais, processava-se a assistência desejada.

A religiosidade romana reflete em grande medida, seu espírito prático, e o interesse pelas realidades imediatas: pelo concreto e imediato, expressos em sua constante busca pela eficácia e, principalmente, por imbuir de valor sacro as coletividades orgânicas - como a família.

Paralelo ao culto público, o privado também obteve reconhecimento e importância, sendo a religião doméstica um fator decisivo na união das famílias antigas e um dos principais elementos de agregação entre seus membros: o que unia-os era algo mais poderoso do que o próprio nascimento e os sentimentos, pois foi na religiosidade do lar e na presença dos antepassados, que se fundou tal união. A religião foi responsável por tornar a instituição familiar um corpo durante vida e depois dela, uma associação mais religiosa do que natural. Eliade (1978: 133), ao discorrer sobre o tema, sustenta

Até o fim do paganismo, o culto privado – dirigido pelo *pater familias* – manteve a sua autonomia e importância ao lado do culto público, efetuado por profissionais subordinados ao Estado. Ao contrário do culto público que sofreu contínuas modificações, o culto doméstico, realizado em volta do lar, não parece ter mudado durante os 12 séculos da história romana. Trata-se, certamente, de um sistema cultural arcaico, pois é encontrado em outros povos indo-europeus.

Cada família prestava um culto especial a determinadas divindades, em uma capela (*lararium* ou *sacrarium*), na qual havia um altar no qual ardia o fogo sagrado, divindade central da religião doméstica, sendo oferecida a esta, sacrifício alimentar diário, bem como flores, vinho, incenso, enfim, tudo que pudessem julgar agradável a um deus. Era atribuído

ao *pater familias*⁵ conservar dia e noite a integridade do fogo do lar, tal como afirma Willis (1993: 170).

Especialmente obscuros eram os antigos deuses do lar, os Lares. Os altares aos Lares característica comum a muitas casas eram geralmente decorados com estátuas ou pinturas mostrando figuras diminutas vestidas em túnicas de pele de cachorro, carregando um corno para beber e uma vasilha de oferenda (ver p. 169). Mas essas deidades não participavam de qualquer relato mítico: elas não tinham nomes individuais e só existiam como grupo indiferenciado.

Devido à forte influência exercida pela religião na consciência de cada cidadão, oscilavam entre a idéia de que seu império fora constituído com a ajuda dos deuses, que recompensavam a fé e sujeição romana com vitórias militares e o temor decorrente daquilo que Horácio chamou de pecado original (em referência ao sacrifício cruento de Remo), cuja conseqüência poderia levar à ruína da cidade, incitando a chacina entre seus filhos. O poeta afirmava, ainda, que desde seu nascimento Roma não estava em paz com os homens ou com os deuses.

1.2 - Hannibal *ad portas*:

Cartago, no princípio, foi uma pequena colônia fenícia de Tiro fundada em 814 a.C, por negociantes que viam na pequena península bem protegida e profunda no Golfo de Tunis, o local ideal para estabelecer seus negócios.

Mas, conforme a mitologia, as origens de Cartago poderiam mostrar-se ainda mais nobres: atribuía-se a mítica rainha Dido⁶, a fundação de Qat Hadasht,(Nova Cidade), Cartago para os romanos. Dido estava terminando a construção da nova cidade, quando Enéias e seus homens chegaram à praia próxima.

A rainha e o príncipe tiveram um breve romance, mas Enéias viu-se obrigado a partir, pois os deuses haviam-lhe encarregado de fundar uma “nova Tróia na Itália”, e troiano decidiu deixar sua amada e dar prosseguimento a jornada. Magoada Dido suicidou-se, rezando pela eterna inimizade entre Cartago e os descendentes do príncipe troiano.

Com tão nobre e trágica origem, Cartago, nascida despreziosamente, rapidamente se transformou na mais próspera cidade mercante do Mediterrâneo. Segundo Bradford (1992: 22)

O fenícios eram marinheiros e não soldados. Porém, em vez de permanecer um posto de trocas, Cartago rapidamente se transformou na maior cidade mercantil do Mediterrâneo. Só isso já fornece suporte para a história de que fora fundada pela exilada rainha Elisa e um grupo de nobres; pois os fenícios comuns não teriam interesse em expandi-la de tal maneira – ou mesmo recursos para fazê-lo.

⁵ Senhor absoluto da *domus* (casa, célula familiar).

⁶ Filha rei de Tiro e irmã de Pigmalião, que mandou matar seu primeiro marido, Sicheus, de quem cobiçava a riqueza.

A cidade estava situada sobre as principais vias marítimas que uniam ao oriente mediterrâneo com o ocidente, em contato direto com a Sicília: a importância da grande ilha era bastante clara aos antigos.

Como as disputas por terras e hegemonia mercantil haviam crescido no Mediterrâneo central, ocorriam enfrentamentos com freqüente regularidade entre cartagineses e gregos, dos quais um terceiro interessado tomará parte: Roma um desconhecido Estado com tendências expansionistas que vinha consolidando-se firmemente na Península Itálica. Sobre o tema, Kovalionv (1964: 121).

Los resultados de la política exterior del siglo V fueron muy brillantes, no obstante la situación inicial desfavorable para Roma: el enemigo principal de Etruria meridional fue destruído y el territorio romano se extendió considerablemente. Gracias a la alianza con los latinos y los ernios fue posible detener la presión de los pueblos orientales y también pasar al ataque. Finalmente, y ésta es la cosa más importante, Roma, cuyo territorio se presentaba ahora más extendido, pero compacto, ganó una preeminencia estratégica considerable respecto a sus aliados, más probados por las incursiones de los enemigos.

Após a conquista do *Rhegium*⁷, os romanos viram-se colocados perante o estreito de Messina, importante via de acesso entre o Mediterrâneo Oriental e Ocidental, e agora Roma estava evidentemente interessada pela rica ilha do Sul.

Agátocles um demagogo aventureiro e sogro de Pirro⁸, valendo-se de um exército de mercenários itálicos, tomou Siracusa e proclamou-se rei da cidade, entendendo sua influência por grande parte da ilha. Contudo, após sua morte, os mercenários por ele utilizados, optaram por regressar a sua terra natal, e durante a execução de tal objetivo, subjugaram a cidade de Messina, massacrando significativa parte da população e rebatizaram a cidade de *Mamers* “cidade dos marmetinos” (em referência a *Mamers* – Marte – deus da guerra). Uma vez instalados naquela cidade, os marmetinos impediam o acesso de Siracusa ao estreito, provocando assim um conflito com, Hieron II, antigo lugar-tenente de Pirro, que se fizera proclamar rei da cidade. Ameaçados por Hieron e os cartagineses, também desejosos de controlar o importante estreito, os marmetinos, apelaram para o auxílio de Roma.

Os romanos, pensando mais nas riquezas agrícolas da Sicília e na necessidade de conter o que pensavam ser o avanço de Cartago, concordaram em auxiliar os marmetinos que, como italianos, estavam sob a proteção de Roma.

Os romanos enviaram um exército à Sicília sob o comando do cônsul Ápio Claudio, que atravessou o estreito furando o bloqueio das frotas cartaginesas e entrou no porto de Messina, que contando com o auxílio dos marmetinos, obrigou o chefe da guarnição

⁷ Comuna italiana que passa a ser incorporada aos domínios romanos.

⁸ Rei do Épiro e da Macedônia, famoso por ter sido um dos principais opositores a Roma.

cartaginesa a evacuar a cidade, permitindo a entrada dos romanos, em 264 a.C. Logo após tomar Messina, os romanos firmam uma duradoura e proveitosa aliança com o rei Hieron.

Em 262 a.C, cai Agrigento, e os romanos se apoderam de muitas riquezas e escravizam grande parte da população local: todavia, para expulsar os cartagineses definitivamente da Sicília, era indispensável combatê-los no mar. Com o auxílio dos gregos da Itália Meridional, construíram uma grande quantidade de navios de guerra, dotados de passadiços de abordagem, graças aos quais, foi possível aos romanos conquistarem uma grande vitória naval sobre as prestigiadas quinqueres cartaginesas na batalha de Milas, em 260 a.C. Ao discorrer sobre o assunto, Kovaliov (1964: 199)

En el 260, después de algunos pequeños encuentros, la flota romana, al mando del cónsul Cayo Duilio, enfrento a la cartaginesa cerca de Milazzo (Mylae) sobre la costa septentrional de Sicilia, al oeste de Messina. Los cartagineses fueron derrotados y huyeron después de haber capturado 50 naves.

A vitória contundente no mar encorajou ainda mais os romanos, que atacaram a Córsega, a Sardenha e Malta, após a triunfal batalha de Ecnomos, na costa sul da Sicília, na qual participaram cerca de trezentos mil homens, entre remadores e combatentes e quase setecentos navios de guerra, o cônsul Atílio Régulo desembarcou na África. Segundo Kovaliov (1964: 202).

La situación de Cartago se hizo crítica. A llegada de los romanos, los númidas se habían rebelado y también ellos se habían puesto a saquear el país. A la ciudad habían afluído numerosos prófugos y el hambre golpeaba ante sus puertas. Régulo, envalentonado por sus triunfos y deseoso de terminar la guerra antes de la primavera, propuso al gobierno cartaginés entrar en tratativas de paz.

Mas a resposta cartaginesa veio na derrota de Régulo na planície de Túnis, em 225 a.C, devida ao auxílio de mercenários gregos e do general espartano Xantipo. Os romanos foram gravemente derrotados – a maior parte foi esmagada pelos elefantes e destruídos pela cavalaria cartaginesa: 500 homens, entre os quais o próprio Régulo, caíram prisioneiros. A guerra continuou principalmente na Sicília, em acirrados combates.

Em 247 a.C, Almícar Barca foi nomeado chefe das forças cartaginesas na Sicília, que logo invadiu a costa meridional da Itália, saqueando-a; logo desembarcou entre Palermo e Eri e ocupou o altiplano. Por sete anos, conduziu uma brilhante campanha, sediando grande montanha-fortaleza, o Monte Érice, na Sicília ocidental. Neste momento, já estava claro para ambos os lados, que a guerra não podia ser conduzida a um bom termo sem uma vitória decisiva no mar.

O Senado romano, após realizar um último esforço financeiro, designou o cônsul Caio Lutácio Catulo, que em 242 a.C, se lançou ao mar com direção a Trápani, com duzentas quinqueres do tipo mais recente, indo de encontro as mal equipadas frota cartaginesas – a oligarquia cartaginesa havia delegado todo o peso da guerra sobre as costas de Almícar

e seus mercenários, descuidando por completo da preparação militar das frotas. Sustenta Kovaliov (1964: 206)

Em marzo del 241 lhégo por fin una flota cartaginesa cargada de abastecimientos para los sitiados[...]Suponiendo que las naves enemigas tuviesen intención de tocar primero Eri para dejar refuerzos a Almícar, Catulo marchó contra ellas y la batalla tuvo lugar cerca de las islãs Egates. Superiores em todos los aspectos, los romanos derrotaron a los cartagineses, que después de perder ciento y veinte naves se dieron a la fuga.

A decisiva derrota da frota cartaginesa finalmente induziu o governo a pedir por paz, mas Cartago pagou muito caro por sua derrota: os termos da paz obrigavam os cartagineses a abandonar a Sicília e as ilhas situadas esta e a Itália, bem como o pagamento de uma grande indenização para cobrir o custo da guerra.

A cidade ainda enfrentaria duas grandes crises: a revolta dos mercenários e dos líbios (nas quais a presença de Almícar Barca foi decisiva), das quais Roma aproveitou-se para tomar a Córsega e Sardenha e impor um aumento na indenização de guerra. Este ato é decisivo para deflagrar aos cartagineses um ódio cego pelos romanos e anseio por vingança.

Para Cartago restaram poucas opções, e ao final, decidem por enviar Almícar para a Espanha mediterrânea guiando um exército com o objetivo de estabelecer uma colônia em terra. Seu filho Aníbal, embora só tivesse nove anos de idade, seguiu com o pai na longa marcha pelo novo país. Sobre a influência paterna de Almícar, na infância do general, argüiu Bradford (1992:28).

Muito anos mais tarde, exilado na corte de Antíoco, o Grande, governante da Síria, Aníbal explicou as circunstâncias que o levaram a acompanhar seu pai com tão pouca idade. 'Quando eu era um menino de nove anos', disse ele, 'meu pai Almícar me levou para oferecer sacrifícios no altar de Melcarte'[...] 'Levando-me por uma das mãos ', continuou Aníbal, 'ele me conduziu ao altar e colocou minha mão sobre a oferenda sacrificial. Ele me pediu para jurar que eu jamais seria amigo dos romanos, e eu o fiz'.

Aníbal tinha vinte e seis anos quando foi unanimemente escolhido pelo exército como seu novo comandante: guiado primeiro por seu pai pelo cunhado Asdrúbal, havia realizado uma maravilhosa aprendizagem no difícil ambiente espanhol. Políbio ocupou-se em relatar sobre a personalidade do cartaginês, conforme afirma Kovaliov (1964: 224)

Em cierto que outro fragmento (IX, 22, 26) Polibio habla de la avidez y la crueldad de Aníbal: ' respecto Aníbel y también a otros hombres de Estado - señala – no es em general fácil pronunciar um juicio justo'. Dada la situación em que se encontraba, a Aníbal Le habría sido difícil observar las normas Morales comunes. Además, com su nombre se vinculan muchos intereses y vidas humanas como para que se pueda esperar um juicio objetivo de sus contemporâneos.

Toda a sua agitada existência foi permeada por um único pensamento e vontade, que falam por si muito mais que qualquer juízo de valor: educado no ódio pelos romanos, e

entregue por completo aos planos da família Barca, nem bem havia chegado ao poder e já preparava-se sistematicamente para a guerra.

Na primavera de 219 a.C, Aníbal sitia Sagunto – localizada ao sul do Ebro e dona de uma posição estratégica importantíssima para o cartaginês, lançando um desafio aberto aos romanos. O ataque de Aníbal foi apenas um pretexto para Roma desencadear a guerra, pois aquela cidade estava situada dentro da zona de influência cartaginesa.

A guerra foi declarada no começo da primavera de 218, e o general cartaginês parte de Cartagena com cerca de cem mil homens, submete a região norte do Ebro, vence os aliados em Marselha atravessa os Pirineus, transpõem o Ródano, enfrenta os desfiladeiros dos Alpes e atinge as cobiçadas planícies do Pó após haver ter perdido metade de seu contingente.

Aníbal obtém as primeiras vitórias nas margens do Ticino e do Trébia, prosseguindo com seus efetivos engrossados por povos do norte. Em 217 a.C, inflige uma grande derrota do cônsul Flaminius na Etrúria, as margens do rio Trasimeno: os romanos foram totalmente surpreendidos pela mente genial de Aníbal, de modo que a batalha transformou-se em uma carnificina.

A trágica batalha faz Roma entregar o poder a um ditador - Fábio Cunctator, que durante o período de seus poderes ditatoriais, evitou o confronto direto com Aníbal, não cessando de vigiá-lo. Ao término de sua ditadura, o Senado designou dois cônsules Emilio Paulo e Terêncio Varão em 216 a.C sob a incumbência de fim a guerra. No mesmo ano, Aníbal ocupa Cannas - esta cidade era o mais importante depósito de víveres romano e sua perda colocava o exército romano em uma difícil situação: a caída de Cannas reforçou a decisão do Senado de por fim a guerra.

O embate se deu naquele mesmo ano, nas proximidades de Cannas, em dois de agosto, e mais uma vez a genialidade de Aníbal foi decisiva: a infantaria cartaginesa surpreendeu os romanos invertendo a formação de modo a englobar os infanters romanos enquanto o general cartaginês fez intervir a infantaria líbica que atacou os flancos dos romanos. O mesmo tempo, a cavalaria gala e ibérica lançou-se primeiro sobre a direita dos ginetes romanos e logo foi enviada uma parte para dar apoio aos númidas e outra a atacar as costas dos infanters romanos. A cavalaria númida uma vez reforçada dispersou os aliados romanos, obrigando-os a uma desordenada fuga - Terêncio Varrão fugiu e Emilio Paulo morreu durante o combate.

A esmagadora derrota romana proporcionou a Aníbal, passagem para a Apúlia, uma parte do Samnium e da Campânia. Aníbal evitou atacar Roma, não por não saber aproveitar a vitória, mas porque não dispunha de meios para enfrentar as fortificações da *Urbs*. Em vez disso, estabeleceu quartel general em Cápua e atacou as cidades da Magna Grécia.

Roma atravessa um momento difícil após a batalha de Cannas: na Itália algumas revoltas favoreceram a situação de Aníbal. Na Sicília, o fiel aliado, Hieron morreu (215. a. C), e seu neto, Hierônimo rompe a velha aliança com Roma, enquanto que na Macedônia, um enviado de Aníbal negocia alianças com Filipe V desejoso de afastar os romanos da Ilíria. Sustenta Bradford (1992:113)

O Senado romano não tinha motivo senão para estar bastante alarmado nos últimos meses do que seria chamado 'O Ano de Cannas'. A miséria e as trevas que encobriam a cidade levaram o povo daquela região a regredir, de avançada república, para um estado sombrio, que remontava às primitivas raízes de uma velha raça camponesa cujo pragmatismo nunca totalmente perdera de vista a religião e as superstições dos etruscos que haviam dominado há tantos anos atrás.

Em Roma não havia uma família em que alguém não houvesse morrido na guerra e a princípio a população entrou em pânico: mulheres soluçantes amontoavam-se nas portas do *Forum* ou nas portas da cidade escutando avidamente as notícias que chegavam do campo de batalha e incríveis prodígios de mau augúrio eram anunciados em série pelo território romano.

Desejoso de vitória, os romanos consultaram os Livros Sibílicos que deram uma estranha mensagem: "A mãe está ausente: busquem a mãe. Quando ela vier, deve ser recebida por mãos castas" Intrigados, consultaram o oráculo grego em Delfos, e este aconselhou que deviam "buscar a Mãe dos Deuses, que pode ser encontrada no monte Ida".

2.1-Ásia Menor e a Grande Mãe

A Ásia Menor é uma região do sudoeste da Ásia que corresponde hoje à porção asiática da Turquia e está situada ao leste do Bósforo, entre o mar Negro e o Mediterrâneo, conhecida atualmente como Anatólia – Ásia Menor, deriva do grego *Mikra Asia*.

A topografia da Anatólia é estruturalmente complexa: está situada como ponte entre os continentes da Ásia e Europa, possuindo um planalto central grande e semi-árido, coroado por colinas e montanhas, com regiões costeiras densamente colonizadas.

A esta área correspondia uma zona intermediária de planícies de aluvião e colinas (bastante favorável à vida humana), coberta por uma densa estepe, em muitos pontos arborizada, e habitada por uma fauna selvagem abundante e variada.

Assim, a Ásia Menor tem sido ocupada por um longo período da existência humana, tendo recebido levas migratórias do sul e posteriormente do leste ainda durante a pré-história, como mostram os diversos sítios arqueológicos presentes na região. Assim afirma Jacques Cauvin (1997:143)

[...]visto que as mesmas não parecem, até o momento, devir de um qualquer desenvolvimento de âmbito local. Porém, os planos das casas não tem muito a ver com a *pie-house* levantina estas são antes fundadoras da tradição, própria da Anatólia, de uma organização aglutinadora da aldeia

que, mas tarde será adoptada em Çatal Hüyük.[...].

Devido a proximidade geográfica da Ásia Menor com a região do Oriente Próximo – local aonde o homem deu início ao extraordinário processo de neolitização, ocorreu a difusão desse fenómeno em direcção à Anatólia (abrangindo verdadeiramente a região do Tauro Oriental).

A neolitização da Ásia Menor, ocorreu de forma precoce, muito próxima das origens do PPNB (relativo a pré-cerâmica neolítica B, considerando-se a existência de um período anterior à cerâmica), apresentando ainda, aspectos presença: as figuras femininas em terracota, mais ou menos realistas ou esquemáticas existentes em toda a parte.

A semelhança do que já vinha ocorrendo no Oriente Próximo, as representações femininas vão se multiplicar muito rapidamente também na Ásia Menor - e seu contexto económico será doravante agrícola; a maior parte quer sejam naturalistas ou esquemáticas indicam nitidamente o sexo, e não existe nenhuma figura masculina e apenas uma é zoomórfica, embora a temática animal não se ausente totalmente (a figura do touro prepondera sobre as demais). Segundo Cauvin (1997:55).

Desde logo, aquilo que vemos despontar pela primeira vez no Levante, cerca de 9500 a.C, e num contexto de caça-recolocção ainda inalterado, mas prestes a transformar-se por completo, são essas duas figuras simbólicas dominantes, a Mulher e o Touro, que prevalecerão sobre quaisquer outras durante todo o Neolítico e a Idade do Bronze significando ser-nos-à muitas vezes perceptível.

Na Ásia Menor, o este binómio irá cristalizar-se essencialmente na civilização de Çatal Hüyük (diretamente saída dessa corrente), e irá ser predominante pelo número das suas representações.

Por seu intermédio percebe-se essa “mulher” é uma deusa: em alto-relevos grosseiros e monumentais ela domina em Çatal Hüyük o muro norte ou oeste dos santuários domésticos, com braços e pernas abertos, com ancas exageradamente delineadas como sinal de fecundidade dando à luz a touros (em casos excepcionais, carneiros), cujos bucrânios esculpidos, escalonados sobre a mesma, parecem emanar.

Não se trata apenas de um “símbolo de fecundidade”, mas de uma verdadeira personagem mítica, concebida sob a forma de Ser Supremo e Mãe Universal, cujos poderes difundem-se por toda a natureza, por toda a vida humana, por todo o mundo animal e vegetação, ou seja, uma genuína geradora da vida em seus diversos aspectos e funções: a Grande Mãe foi o impulso religioso primordial da humanidade. Sobre a natureza da Deusa, o eminente especialista em mitologia comparada, Joseph Campbell (CAMPBELL *apud* GIMBUTAS 1997:62-63), assim afirma:

No final do texto, Gimbutas cita uma de minhas passagens favoritas da visão de Lucius Apuleius da universal Deusa Ísis, invocada como a Abençoada Rainha do Céu [...] Veja, Lucius, estou chegando... Eu, a

verdadeira mãe de todas as coisas, senhora de todos os poderes divinos, manifestando sob uma única forma todos os outros deuses e deusas. Por minha vontade, os corpos celestiais se movem pelo firmamento e os ventos e os abismos do inferno são comandados. A minha divindade é reverenciada por muitos povos sob diferentes nomes.

Ainda sendo representada sob diferentes materializações-pinturas e relevos murais, caracterizam-na com um cortejo significativo de animais devoradores de carne ou perigosos, ou ainda a reunião de símbolos alimentares e letais, que torna possível interpretar que a Senhora da Vida, reina igualmente na morte. Para Cauvin (1997:56-58)

Assim, numa estatueta celebre de Çatal Hüyük (fig.9:1), a Deusa, obesa, e sentada sobre duas panteras que lhe servem de trono, dá á luz; em Hacilar, a mesma personagem, igualmente sentada sobre uma pantera, ostenta em seu braço ora uma criança, ora uma jovem fera. Assim convergem, pois, nos conjuntos surrealistas que realçam a evidencia do mundo imaginário, as idéias de fecundidade, maternidade, realeza e dominação das feras.

No entanto, enquanto divindade, a Mãe Universal instala-se no plano da transcendência no qual todos os medos e conflitos desaparecem - no qual a fera é cúmplice e se torna seu assento, em que a presa que dilacera a carne é outro aspecto do seio que alimenta, como se o sofrimento alimentasse paradoxalmente a vida.

O sofrimento e a morte estão bem representados nos atributos da Mãe oriental, a partir do Neolítico: são as feras, os abutres e outros animais perigosos aparam o homem que formam o seu cortejo imediato e precisam de seus poderes, (em desfavor das espécies familiares e pacificamente controladas), assim indicando a ambigüidade do símbolo, onde nascimento e morte são parte de um mesmo todo. Assevera Campbell (1997:61).

À luz das nossas observações anteriores sobre o notável trabalho que está sendo comentado, o importante é que, nessa religião mais antiga, os símbolos da morte estavam subordinados aos da vida e regeneração. Este antigo raciocínio parece bastante filosófico: se a morte fosse à soberana máxima do cosmo, a vida não seria tão abundantemente persistente e profícua. Conseqüentemente como ensinava a antiga sabedoria, a primordial foi à vida e não a morte.

O outro, encarnado pelo Touro, é masculino, ainda que assuma uma materialização totalmente zoomórfica (essa encarnação animal é acompanhada, em certos casos, por representações masculinas antropomórficas. Em certas figuras de Çatal Hüyük, nota-se um homem barbudo a cavalgar um touro). É possível que tais representações masculinas, mescladas a formas animais reflita o então o agressivo e feroz comportamento do homem neolítico.

Efetivamente, a imagem do touro irá perpetuar por toda a parte, na maioria dos casos, associado a um deus antropomórfico masculino, do qual é atributo ou versão animal - o deus simboliza ao mesmo tempo a força genesiaca, a da tempestade e o valor guerreiro. Só um deus pode cavalgar as nuvens da tempestade e o Touro celeste. Mas no homem, uma vez dominada e "humanizada" a violência bruta, pode ser convertida em força de

afrontamento, e ele irá se apresentar como herói guerreiro e civilizador; é o homem que vai ao encontro do confronto com o animal-touro para por à prova seu domínio sobre si mesmo, sua eficácia combativa e coragem.

Assim, a relação dos homens neolíticos com o touro, se faz cada vez mais nítida: a figura do homem é cada vez mais cristalizada em relação ao touro e suas características (força física, resistência) cada vez mais reproduzidas e perseguidas. Desde logo, a força instintiva abandona parcialmente sua natureza animal quando encontra um “homem” para afrontar – só é verdadeiramente homem aquele que domina o instinto.

As figuras da Mulher e do Touro serão propagadas por todo o Oriente antigo, embora apresentem formas ligeiramente distintas consoantes as regiões do mundo: a Mãe, ladeada por um paredro masculino associado ao touro, será a figura preponderante de todo um sistema religioso organizado em torno dela. Ainda em Cauvin (1997:116)

O facto de, através dela, humanidade e natureza emanarem de uma origem comum, visto que uma criança humana e uma jovem fera estar-lhe-ão associadas na Anatólia, poderia dizer muito sobre a noiva atitude metafísica desse tempo: não só a Deusa se inscreve historicamente na vanguarda das teologias criacionistas que se lhe vão seguir, como o homem, de certa forma, se reconhece agora em tudo o que o rodeia [...].

Este novo bem-estar que se cria entre o homem e o divino é realmente dinâmico e conseguiu modificar por completo a representação que o espírito humano fazia de si mesmo e da natureza, pois de espectadoras, as sociedades neolíticas passam a atuar na mesma.

2.2 - Componentes da Prática Ritualística

À divindade identificada como “Grande Mãe”, foi atribuído outros nomes e epítetos à medida que seu culto se difundia a demais territórios, mas foi na Anatólia que a mesma recebeu um de seus mais conhecidos nomes: Cibele, em referência à grande montanha situada no oeste do país (também conhecida como “A Senhora do Monte Ida”).

Ao relacionar a divindade com o monte, é possível perceber a forma como os indivíduos concebiam a Grande Mãe: uma Deusa tão viva que se confundia com as forças da natureza ao ponto de um monte ser capaz de materializá-la. Nesse sentido, em virtude do já descrito fenômeno neolítico ocorrido na Anatólia, os indivíduos percebiam a terra, como fonte de vida e fecundidade, tal qual uma mãe benevolente e fértil - ou seja, sentem-se amparado pela natureza, pois ela é pródiga para com eles: perceber-la como tão grande provedora é próprio de uma cultura agrária.

O nome “Cibele” é devido, possivelmente, a uma experiência hierofânica⁹ uma vez que o anatolense atribuía ao Monte às mesmas qualidades que a Grande Mãe: opulência e

⁹ Relativo à hierofania (manifestação de tudo o que é sagrado).

fecundidade. Conforme Piazza (1983:81)

Mas a hierofania da Terra como tal é anterior e se prende a uma inevitável reflexão do homem sobre a sua situação no mundo: coletor, depredador, o homem primitivo dependia da terra, pois nela nascia dela vivia... O homem primitivo considerava-se 'filho da terra'[...] Como acontece com a Lua, a Terra constitui um simbolismo sincrético, ou assimilador, pois as diversas hierofanias que aqui e ali se prendem a aspectos diversos da presença terrestre (montes, vales, planícies, pantanais...) se unem e se somam para constituir uma só hierofania, potente e grandiosa: a Terra-Mãe.

Nesse sentido, a temática da vida e morte estava presente no sistema religioso relativo à Grande Mãe, uma vez que essa apresentava-se como princípio e fim de tudo, análoga a o caráter cíclico que toma emprestado da terra. No mistério da vida e morte, o princípio masculino não esteve ausente, sendo ao contrário, uma constante: a Mãe é fértil, mas também precisa ser fecundada, assim como também necessita do sacrifício do homem que sangra doando sua própria vida para operar o milagre do nascimento, ou seja, a Grande Mãe pode ser tão ambígua quanto à própria natureza que personifica, sendo, ora bondosa e generosa, ora misteriosa e terrível.

Cibele personificava a Mãe acolhedora e doadora da vida, que realizava o mistério da salvação, no qual toda a vida fluía incessantemente renovada, (uma vez que tudo vem e volta para a Mãe) tal como a terra que sempre dá frutos. Segundo Piazza (1983:161-162).

A terra não somente tem a capacidade de produzir a vida, mas também de renová-la. Isto é claro no caso das plantas, flores, frutos e sementes. O mesmo se deve esperar da vida animal e humana: o nascimento, crescimento, reprodução, que superam pelas novas gerações os estragos da morte...Por isso, os filhos são atribuídos ao poder biológico da terra, mesmo que nasçam da mulher, pelo que são restituídos à terra quando morrem (inumação), enterrados na posição de embrião humano, a fim de que a terra lhes restitua à vida[...].

Não se trata de uma religião "revelada", com profetas e livros sagrados (por isso apresenta poucos mitos de sentido realmente religioso), e sendo Cibele a manifestação de uma força primordial, o que torna-se mais relevante é a busca por integração com a *Magna Mater*.¹⁰

Os ritos vão de encontro a esta premissa, uma vez que buscam conduzir o fiel de encontro com a Mãe (que amam e temem), fazendo sua alma vibrar de terror, mas também enchendo-a de esperança da salvação, realizando uma comunhão com essas forças obscuras. Os ritos são uma ferramenta que integra os indivíduos nos ciclos da natureza, para que participe dos planos primordiais da criação, procurando situar o fiel em um tempo em um espaço sagrado, no qual procura sair de si mesmo para situar-se em um plano superior, livre de condicionamentos exteriores. No culto à Grande Mãe, os ritos rememoram seu envolvimento com um amante humano.

¹⁰ Designação latina para a Grande Mãe.

Em uma construção mitológica posterior, Cibele enamora-se de um jovem chamado Átis, e faz dele seu amante confiando-lhe também o cuidado do seu culto, sob a condição de que ele não violaria o seu voto de castidade. Como Átis esqueceu o juramento desposando a ninfa Sangarida, e Cibele puniu-o matando a rival. Profundamente magoado e num acesso de delírio, Átis mutilou o pênis e quando ia enforcar-se, Cibele, sentido uma forte compaixão tardia, transformou-o em pinheiro, que tornou-se árvore sagrada em seu culto (assim como o buxo, árvore da qual se faziam as flautas empregadas em suas festas).

As práticas rituais envolviam fatos presentes nesta narrativa e, os fiéis lamentavam o destino de Átis e executava violentas lacerações, praticada pelos mais efusivos, por ocasião do funeral do deus, com rompantes de contentamento em face da ressurreição. Nesse sentido, Aymard (1963:138).

Este clero celebrava grandes festas nas ruas das cidades, na primavera, durante treze dias. Acompanhadas de jejuns e purificações, rememoravam os episódios da lenda de Átis, com lacerações em massa e as selvagens autolacerações praticadas pelos exaltados, por ocasião do funeral do deus, com explosões de delirante alegria quando vinha a ressurreição.

O ritual de mutilação era realizado pelos sacerdotes do culto, durante a exposição e o cortejo do pinheiro arrancado que evocava a castração de Átis, pelos sacerdotes conhecidos como “galos” (em Roma, cidadãos designados pelo Senado para realizar as atividades referentes ao culto eram os “arquigalos”). Os sacerdotes eram eunucos, em memória a Átis.

Outra cerimônia bastante conhecida era o sacrifício do touro, o “taurobólio” (em alguns casos, ocorria também o sacrifício do carneiro, o “criobólio”), no qual o adorador permanecia debaixo de uma grelha, sobre a qual se cortava o pescoço do touro, cujo sangue era derramado sobre o corpo do mesmo. O sangue, que em qualquer sacrifício, é símbolo de força da vida, e o adorador, uma vez banhado com por ele, adquiria consciência da redenção, clamando que se sentia redimido por toda a eternidade, além de garantir-lhe a promessa de imortalidade na medida em que inumação, pela descida num fosso, simbolizava a purificação e o renascimento. Durante esses sacrifícios, os sacerdotes ora permaneciam sentados e tocavam o solo com as mãos, ora gestos violentos, em referência a atividade dos lavradores e o ruído dos instrumentos de agricultura.

Apesar de parecer violento e brutal, era uma forma de colocarem-se na presença de uma deusa muito mais próxima deles, despojada de uma desumana e imortal serenidade, inquieta e apaixonada, sofrendo e morrendo tal assim como seus devotos.

Durante as procissões públicas, sua imagem cerimonial era conduzida por uma biga puxada por leões – que demonstram que nada, por mais feroz que seja, pode resistir ao amor maternal.

Outro importante elemento da ritualística, era a dança e música produzidas pelo

confuso ruído de oboés e do címbalo, que visam facilitar a indução do fiel ao êxtase e o delírio ritualístico: seus cantos arrebatadores e sua música embriagadora desencadeavam a tensão nervosa que provocava os cruéis laceramentos. O erotismo de suas danças vertiginosas associado à ingestão de bebidas fermentadas depois de prolongado jejum tendia a provocar o êxtase no qual a alma - emancipada da sujeição ao corpo, perdia-se em um estado de arrebatadora beleza.

O culto à Grande Mãe sabia extrair um ideal e ascender a essas regiões do espírito, aonde a consciência de um “saber total”, de “comunhão com uma virtude perfeita” e uma “vitória sobre a dor física e morte” apareciam como o glorioso “cumprimento da promessa divina”.

Finalmente, em 205-204, às vésperas da vitória contra Aníbal e seguindo uma sugestão dos *Livros Sibílicos*, o culto à Cibele foi introduzido em Roma, com a chegada da grande pedra negra que simbolizava a Deusa trazida do Pérgamo, por uma esquadra romana, sendo solenemente recebida em Óstia. No entanto, o caráter orgástico do culto e seus sacerdotes castrados, contrastavam com a austeridade romana, e o Senado não tardou a regulamentar com cuidado as manifestações culturais. Conforme Eliade (1978:151)

No que tange ao culto romano oficial, era controlado por um pretor urbano.

No entanto, em 204, consentiu o Senado na organização de sodanidades que congregavam exclusivamente membros da aristocracia; sua principal função restringia-se a banquetes em honra de Cibele. Em suma a introdução da primeira divindade asiática foi obra da aristocracia. Acreditavam os patrícios que Roma fora chamada a desempenhar um papel importante no Oriente.

3. Considerações Finais

Embora fossem oferecidas certas resistências à Grande Mãe, devido aos sentimentos dúbios dos romanos em relação à divindade asiática, devido caráter orgástico de seu culto, o mesmo cativava por sua dinâmica ritualística que contrapunha-se a religiosidade romana - de caráter coletivo e impessoal, muitas vezes insatisfatória aos anseios e questionamentos individuais do cidadãos (agora preocupado com sua salvação ou sobrevivência após a morte física).

As práticas consagradas a Cibele, embora pudesse inspirar temor, também faziam-no em relação à esperança de salvação - uma das mais profundas aspirações humanas, em contraponto a gélida gravidade do dever cívico e familiar, presentes nos cultos oficiais.

Quando analisamos a relação de Roma com a religião, alguns apontamentos precisam ser observados: o mito da fundação da cidade de Roma, bem como os eventos fantásticos ocorridos que precederam sua gênese (a idéia de ascendência divina, presentes nos mitos de Enéias e Rômulo).

Devido à forte influência exercida pela religião na consciência de cada cidadão, oscilavam entre a idéia de que seu império fora constituído com a ajuda dos deuses, bem como o temor expresso pelo poeta Horácio – quando esse afirmava que Roma não estava em paz com os homens ou com os deuses.

A relação dos romanos com o sagrado era concretizada no diálogo constante entre homens e deuses, reiterando a importância atribuída ao concreto, pois conhecer o ritual mais eficaz implicará na concreção do bem estar da cidade, cuja dependência encontrava-se na realização correta dos deveres religiosos para com os deuses, tornando primoroso certificar-se do consentimento divino para a execução de qualquer ato público do Estado.

Assim sendo, quando no ano 216 a.C ocorreu a sangrenta batalha de Cannas, cuja derrota espalhou pânico em Roma, os romanos voltaram a observar práticas religiosas na tentativa de “apaciar a fúria dos imortais”.

A introdução do culto à Grande Mãe (Cibele) ocorreu neste momento de desespero e temor, cercada de eventos fantásticos que só confirmavam a urgente necessidade da vinda da Mãe do Ida a Roma. Cibele personificava a Mãe acolhedora e doadora da vida, que realizava o mistério da salvação, no qual toda a vida fluía incessantemente renovada (uma vez que tudo vem e volta para a Mãe), tal como a terra que sempre dá frutos.

Parte dos romanos nutria sentimentos dúbios sobre a Grande Mãe, devido a seu culto de caráter orgástico, com sacerdotes autocastrados, música e danças desenfreadas, contrastando acentuadamente com a austeridade romana e sua religião centrada na figura masculina e paterna. Contudo, sendo a terra natal do culto cibelião, localizada perto de Tróia (terra natal do herói Enéias), a Grande Mãe acabava sendo considerada divindade nativa, associado-se à idéia de que, esta deusa, por qualquer dos muitos nomes através dos quais era designada, é sempre a Terra, mãe comum de todos os seres.

O culto à Grande Mãe obteve espaço e reconhecimento em Roma, passando de um mero “penhor” da cidade com Cibele, a uma popular expressão religiosa, que sensibilizava tanto as mais distintas camadas sociais quanto as mais humildes, na medida em que cativava por sua dinâmica ritualística: contrapondo-se a uma religião de caráter coletivo e impessoal, muitas vezes insatisfatória aos anseios e questionamentos individuais do cidadão romano – agora preocupado com sua salvação ou sobrevivência após a morte física.

Referências Bibliográficas

- AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. Roma e seu império: as civilizações da unidade romana. 3 ed. São Paulo: DIFEL, 1963. (Historia geral das civilizações)
- BALSDON, J. P. V. D., (Org.). O mundo romano. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. 262 p.
- BRADFORD, Ernle. Anibal: um desafio aos romanos. São Paulo: Ars Poetica, 1993. 191 p. (Historia e arqueologia 2)

- CAMPBELL, Joseph; EISLER, Riane; GIMBUTAS, Marija. Todos os nomes da deusa. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. 204 p.
- CARCOPINO, Jérôme. La vida cotidiana em Roma. Buenos Aires: Libreria Hachette S.A, 1942
- CAUVIN, Jacques. Nascimento das divindades, nascimento da agricultura: Lisboa, Instituto Piaget, 1997.
- COMMLIN, P. Nova Mitologia Grega e Romana. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- ELIADE, Mircea. História das crenças e das idéias religiosas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. V. (Espírito e matéria)
- GIORDANI, Mário Curtis. História de Roma. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1968. 398 p.
- KOVALIOV, S. I. Historia de Roma. Bueno Aires: Editorial Futuro, 1964. 373 p.
- PIAZZA, Waldomiro Octavio. Introdução à fenomenologia religiosa. Petrópolis: Vozes, 1976. 206 p.
- WILLIS, Roy. Mitologias, Deuses, heróis, xamãs nas tradições e lendas de todo o mundo. São Paulo: Publifolha, 2007